

---

## ANCHIETA: CATEQUESE, IDEOLOGIA E MISSÃO

---

*Dulce Maria Viana Mindlin*

---

### RESUMO

Leitura de alguns autos de Anchieta tendo em vista a dinâmica missionária: catequismo, didatismo, adaptação ao público receptor. Aspectos intrínsecos e extrínsecos. Lugar de enunciação como determinante da visão de mundo vazada através dos personagens.

---

Falar de José de Anchieta significa falar do Brasil e da Europa do século XVI. Mas eu gostaria de começar esta reflexão com alguns dados da contemporaneidade, tentando fazer um paralelo e, partindo daí, procurar compreender melhor este momento que vivemos hoje – afinal, as lições da História sempre podem ser aproveitadas. Especialmente quando as semelhanças são tão evidentes – guardadas as proporções, é claro. Vejamos, num breve resumo, algumas destas evidências dos nossos dias, pelo menos as que nos permitem "ler" a Europa como lugar de conflitos.

Salta à vista, em primeira instância, a consciência da "europeidade", em termos econômicos. A CEE aí está como instituição, enfrentando, mais ou menos bravamente, as dificuldades de seu dia-a-dia, na persecução de objetivos de médio e de menos médio prazo. Uma decorrência dessa busca de unidade (monetária, por princípio), é a acentuação da identidade e, por consequência, da alteridade – e aí está a imensa leva de "extra-comunitários" para representar essa alteridade. Até aqui, tudo bem – ou quase. Ser "outro" até que teria seu charme. O problema se põe com mais clareza quando ser "outro" significa ser vítima de preconceito. Neste caso, tanto faz ser asiático, africano, sul-americano ou "europeu do leste"; o rótulo de "extra-comunitário" nivela por baixo todo um contingente humano de proporções não certamente desprezíveis, contra o qual essa Europa SE FECHA, configurando um racismo de que os próprios europeus não se sabiam portadores. O conflito de etnias, superficialmente, apenas mascara um preconceito cujas referências não são propriamente étnicas, embora somente isso já fosse terrível o bastante. E não é necessária muita sagacidade para se depreender de tudo isso que a CEE (como instituição), de forma bastante acentuada, contribui para o que aqui chamarei de "sístole", para poder voltar, por contraste, ao século XVI e sua correspondente "diástole", ainda que ambos os movimentos partam de um denominador comum, isto é, a consciência da "europeidade". Façamos outro breve retrospecto: em termos gerais, como se apresentava a Europa quinhentista?

Só para não me estender demais, volto a focalizar o aspecto econômico, na esteira das grandes conquistas ultramarinas, com seu paralelo político, do qual o religioso é parte integrante. Considerando, num conjunto só aparentemente heterogêneo, alguns fatores "isolados", quais sejam a Contra-Reforma, o Concílio de Trento e a expansão ultramarina, vamos encontrar acentuados elementos daquela consciência de "europeidade" que via no "outro" (no caso, o ameríndio) não apenas a sua contra-face, mas um precioso alvo potencial para investidas várias, fossem puramente comerciais, fossem puramente religiosas ou, como na maior parte dos casos, religiosas na aparência e, no palimpsesto, político-econômicas. O que importa ressaltar é que, quaisquer que tenham sido as motivações, o movimento era de uma comunidade que SE ABRIA em direção do "outro". O surgimento de novas ordens religiosas e especialmente da Companhia de Jesus vem colorir com novas tintas esse quadro já por si bastante vivo.

Como se sabe, a Companhia de Jesus (1540), fundada por Sto. Inácio de Loyola, em suas "Fórmulas do Instituto" (1550, texto definitivo), explicitava como Regra, entre outras coisas, "o escopo precípua de ocupar-se especialmente da defesa e da propagação da fé e do progresso das almas na vida e na doutrina cristã", além do "ensino da verdade cristã às crianças e aos incultos". Numa tal perspectiva, a simples notícia da existência de todo um "mundo" recém-"descoberto", naturalmente viria ao encontro das expectativas mais otimistas no sentido de cumprir a Regra (outros ganhos viriam paralelamente).

Eis, pois, configurado, o quadro geral onde vamos encontrar José de Anchieta: um jesuíta que sai da Europa com idéias mais ou menos precisas daquilo que devia fazer no Novo Continente, de modo a, de um lado, preencher os requisitos de sua condição de membro de uma Companhia cujo objetivo declarado era a propagação da fé; de outro, é bom não esquecer, ajudar a estreitar os laços entre a Ordem e Sua Majestade: "O Brasil é a nossa empresa", dirá Manuel da Nóbrega, englobando talvez mais de uma das acepções do termo, quando chegam, ambos, em 1549, com o segundo Governador Geral, Duarte da Costa. Para encontrar um Brasil cheio de seus próprios problemas para enfrentar, e, no meio tempo, uma invasão francesa para agravar.

Anchieta não se faz de rogado. Põe-se imediatamente em ação, seja no trabalho político-administrativo (a fundação de São Paulo, em 1554, mérito que condiz com Nóbrega, é eloquente o bastante), seja no trabalho político-diplomático (a disposição para novamente dividir com Nóbrega os riscos de serem, ambos, reféns dos Tamoios, em 1563). Com o desenvolvimento da "empresa", vamos encontrá-lo Provincial (1577), após exercer vários cargos administrativos (e, de passagem, não nos esqueçamos de mencionar a sua mudança de status: desde 1566 era Padre, uma vez que tinha chegado ao Brasil ainda Irmão).

Entretanto, para além de todos esses méritos, o chamado Taumaturgo do Brasil é mais referenciado e reconhecido como evangelizador. Aqui, na prática diária do "Evangelho nas selvas", talvez esteja o perfil mais nítido de José de Anchieta, numa atividade em que seus talentos deixaram marcas no mínimo interessantes.

Consciente da necessidade de propagar a fé, não apenas aprendeu rapidamente a língua dos nativos, para melhor se comunicar com eles, como também escreveu a sua Gramática, e nela compôs um Catecismo, o **Diálogo da fé**. Mas, fora de dúvida, é no teatro que Anchieta exercita de modo mais completo todos os seus dotes de evangelizador. Naturalmente que, como em qualquer texto, toda uma pluralidade de leituras pode ser feita. Neste momento, deixando de lado as particularidades literárias da micro-estrutura das peças, ater-me-ei aos aspectos mencionados no título, na tentativa de articular o trinômio catequese-ideologia-missão com o quadro histórico de que falei no início.

À guisa de informação, vale a pena mencionar que, como autor, Anchieta se pode inserir no teatro jesuítico se não como pioneiro (há notícias de peça escrita em 1551, em Messina, além de outra que, embora pertencente ao teatro jesuítico, foi escrita por um franciscano, Levin Bretch, em 1555), pelo menos como um de seus iniciadores no Brasil – e isso bem antes que a **Ratio Studiorum** (1586) consagrasse o teatro como um meio didático por excelência. O **Auto da pregação universal**, de 1561, como indica o Pe. Armando Cardoso, S.J., aí está para confirmar esse aspecto de quase pioneiro no Brasil, e isso por duas razões muito simples: a primeira, porque esse auto teria sido encomendado por Nóbrega; a segunda, porque o próprio Nóbrega, em 1557-58, teria escrito o **Diálogo sobre a conversão do gentio**, embora não se possa dizer, a rigor, que fosse uma peça catequética, mesmo que a catequese seja a sua pedra de toque. Peças eminentemente catequéticas foram as escritas por Anchieta. Catequéticas por excelência, por atenderem praticamente a todos os requisitos exigidos pela catequese, desde os seus primórdios até os dias de então. Vejamos, em linhas gerais:

Do ponto de vista religioso, foi sempre muito clara a sua base maniqueísta, quer no método, quer no objeto. Historicamente considerando, podemos observar que, grosso modo, enfatizava o caráter oral e repetitivo, para incutir e reforçar idéias como a fé em Cristo e o temor de Deus. Nesse sentido, não é de estranhar que, por exemplo, a estrutura dos autos apresente tão poucas variações. Os vínculos com as práticas catequéticas usadas ao longo da história da Igreja se fazem ver claramente: com os primeiros apóstolos, cuja catequese dogmática e moral apontava a fé como único meio para alcançar a salvação; com Santo Agostinho (**De catechizandis rudibus**), cuja ênfase no amor de Deus e no Juízo Final conduzia necessariamente à idéia de recompensa ou punição, de acordo com a aceitação ou com a rejeição das verdades veiculadas; com a catequese medieval, através da acentuação das verdades fundamentais da fé e da vida moral, além da herança explícita das formas dos mistérios e dos autos.

A metodologia catequética de Anchieta vai, na feitura do seu teatro, conformar-se de maneira praticamente total à mais pragmática das acepções. Fiel a todos os princípios de sua condição de jesuíta, vale dizer, europeu com explícita missão de evangelizar, ele acaba por produzir uma obra que, se pode deixar a desejar em termos puramente artísticos (aliás, nunca foi sua intenção), certamente excede em termos catequéticos. Por suas características, por sua divisão, por sua exposição. Vejamos com mais vagar.

Quanto às **características**, podemos dizer que o teatro de Anchieta tem: como *natureza*, um método adaptado às necessidades e às "exigências" de seu auditório. De *passagem*, podemos lembrar:

- no **Auto da pregação universal**, a utilização do "Pelote domingueiro", em português, para a platéia de colonos, seguida do conluio dos diabos, em tupi, para a platéia nativa;
- no **Diálogo de Pero Dias**, a utilização de linguagem mais erudita e de conceitos mais sofisticados, já que não era para ser representado entre os nativos;
- na maioria dos outros autos, a estrutura que contemplava, além dos conteúdos catequéticos propriamente ditos, cantos e danças dos nativos, com o fim de apresentar-lhes algo saboroso e que pudesse reter-lhes a atenção.

Falando ainda das características, vejamos a *unidade*. Isto quer dizer que, quer seja visto como um todo, seja em separado, o teatro de Anchieta sempre se apresenta como um todo harmônico, com perfeita concatenação das partes. Volto a invocar a *estrutura* dos autos, porque é auto-explicativa: saudação inicial (ou variante), diálogo dos diabos, desfile, canto e dança final.

Fechando as características, temos a *clareza*, isto é, a ausência de qualquer dubiedade. Quer dizer: doutrina sempre igual, ideologia sempre igual, de modo a não deixar margem para mal-entendidos.

Quanto à *divisão*, observamos que Anchieta não se prendeu a uma única. Usou tanto a *cíclica* (**Auto da pregação universal**, p.ex., com o "Pelote domingueiro" no princípio, retomando-o no fim), como a *linear* (p.ex., o **Auto de Santa Úrsula**: saudação no porto, diálogos de marchas e contramarchas, despedida).

Quanto, enfim, à *exposição*, podemos depreender a extrema versatilidade do nosso Taumaturgo, na medida em que usou e abusou de várias das maneiras possíveis:

- *sintética*, quando deixava claros os seus propósitos evangelizadores, a unidade da doutrina que pregava, o maniqueísmo que a sustentava. Os autos, no seu conjunto, são um exemplo perfeito;
- *analítica*, quando fazia com que cada auto fosse um desdobramento da idéia-mãe, vendo-se a obra como um todo; por outro lado, vendo-se cada auto em separado, quando apresentava, no interior da peça, variações sobre o mesmo tema. P. ex., a perda da Graça em consequência do pecado, no **Auto da pregação universal**: perda do "pelote", de uma parte; entrega aos vícios "armados" pelos diabos, de outra;
- *indutiva*, quando mostrava o fato e saía à procura da causa. O mencionado **Auto da pregação universal** tem uma economia bastante elucidativa: num primeiro momento, o espectador tem, como informação, um fato consumado:

Já furtaram ao moleiro  
O pelote domingueiro

(APU, I, vv 1 e 2)

a seguir, como explicação, a causa da perda:

Negros foram os teus amores  
pois tão negro te deixaram  
e o pelote te levaram,  
sem te dar nenhuns penhores,  
senão fadigas e dores,  
que terás, triste moleiro,  
pois perdeste o domingueiro.

(id., I, vv 129-135)

E finalmente, a recuperação do "pelote", após pago o seu preço:

Já tornaram ao moleiro  
O pelote domingueiro.(...)  
O diabo lhe furtou  
o pelote por enganoso.  
Mas, depois de muitos anos,  
um seu neto lho tornou;  
por isso carne tomou  
duma filha do moleiro,  
por pelote domingueiro.

(id., V, vv 171-179)

- *dedutiva*, quando apresenta os fatos primários e, no seu desenvolvimento, o caminho para as conseqüências. P.ex., no ato III do auto **Na aldeia de Guaraparim**, a seqüência sugerida é bem clara: a alma que acabou de deixar o corpo; o ataque dos demônios; a defesa do anjo; a luta anjo x demônios; a vitória do anjo; a salvação da alma.
- *histórica*, quando descreve fatos para servirem de exemplo a conclusões. P. ex., no **Auto de Santa Úrsula**, a alusão a seu martírio, e ao das Onze Mil Virgens, para garantir-lhe um lugar no céu e nos altares da terra;
- *lógica*, quando concatena duas ou mais idéias ou fatos correlatos. No **Auto da pregação universal**, p.ex., a perda da Graça pelo pecado (para a platéia portuguesa), e seu paralelo indígena, traduzido em "maus costumes":
- *concreta*, quando expõe fatos para demonstrar conceitos e servir de suporte às idéias. O uso da alegoria é emblemático, sob esse aspecto, naturalmente "enraizada na dinâmica dos interesses do poder", naquilo em que possibilita a aculturação, como lembra Alfredo Bosi.

Vê-se, portanto, que Anchieta procedia impecavelmente, do ponto de vista didático-catequético, atendendo de modo perfeito à demanda da adaptação e da oralidade, sem deixar de fazer eco nem a seu tempo nem à sua condição de jesuíta, como se pode depreender das palavras de Mario Gioia: "la pedagogia dall'epoca, in cui furono scritte le Costituizioni, faceva leva molto più sul timore reverenziale che sull'amore, e si attuava più in un regime di sfiducia reciproca tra educatore e discepolo" (LOYOLA, I. A cura de GIOIA, M. 1977: p. 476).

Mas sua busca de perfeição não se exauria nos domínios pedagógicos e religiosos. Atento, talvez em demasia, ao fato de a catequese ser um precioso instrumento na mão do colonizador, ele não deixou de mencionar, explicitamente, o seu **parti-pris** eminentemente lusitano, mesmo com uma eventual adesão à coroa espanhola, vale dizer, a Felipe II. Sua aversão a franceses (calvinistas) e a ingleses (luteranos) é intermitente em muitos dos autos, que desfraldam, por conseguinte, todos os estandartes contra-reformistas:

Seus bons franceses lhes dão  
muito arcabuz, mas em vão.  
Fizeram-lhes dano imenso  
flexas de São Sebastião,  
ao lado de São Lourenço.

(APU, II, vv 588-592)

Se os nossos portugueses  
nos quiserem sempre honrar,  
sentirão poucos reveses.  
De ingleses e franceses  
seguros podem estar.

(ASU, IV, vv 228-232)

Não fossem as falas do Anjo e de Santa Úrsula explícitas o bastante, Anchieta nomeia abertamente os seus antagonistas terrestres, de modo a não deixar a mínima dúvida. É pela boca de Satanás, no **Auto de São Maurício**, que emergem esses personagens:

Com Mafoma e com Lutero,  
com Calvino e Melantão,  
te cubra tal maldição  
que te queimes, bem o quero,  
ardendo como tição!

(ASM, II, vv 12-16)

Como se vê, a pedagogia do temor era a tônica, mesmo quando se tratava de um diabo ameaçando outro (no caso, Satanás que rogava pragas a Lúcifer). Tudo muito "politicamente correto", para usar uma expressão dos nossos dias. Não nos esqueçamos da "empresa" de Nóbrega, que eventualmente a teria explicado com

todos os esses e erres: "para o bem da terra, é melhor serem eles cristãos e estarem sujeitos" (**Cartas do Brasil**, p.207, **apud LEITE**, S. 1938: p.114). Anchieta, bom discípulo de Nóbrega, não se descuidava desse aspecto, é lógico. E mesmo que se possa vê-lo como evangelizador, não nos devemos esquecer de que ele tinha objetivos muito claros, além da evangelização, principalmente porque, convivendo com o nativo, imaginava conhecê-lo bem, e portanto, sua metodologia era a que julgava mais pertinente: de um lado, **docere cum delectare**, através do teatro; de outro, o saber com quem estava lidando: "Parece-nos agora que estão as portas abertas nesta Capitania para a conversão dos gentios, se Deus Nosso Senhor quiser dar maneira, com que sejam postos debaixo de jugo, porque para este gênero de gente não há melhor pregação do que espada e vara de ferro, na qual, mais que em nenhuma outra, é necessário que se cumpra o **compelle eos intrare (...)**." (**Cartas**, p. 187, **apud LEITE**, S. id., p. 290).

Com uma citação tão exemplar, creio que já posso tentar tirar algumas conclusões, até para voltar ao problema com o qual iniciei esta reflexão, ou seja, em poucas palavras, a questão da alteridade, seja no século XVI, seja nos nossos dias.

Tratando-se de Anchieta, alguns pontos podem ser levantados, naturalmente na "minha" sintaxe: a consciência de ser jesuíta, missionário, evangelizador, além de ser instrumento explícito do processo colonizador português. Nesse sentido, vou-me permitir, mais uma vez, citar Alfredo Bosi, cujas palavras sintetizam exemplarmente os resultados da catequese ligada à colonização: "Infelizmente para os povos nativos, a religião dos descobridores vinha municiada de cavalos e soldados, arcabuzes e canhões. O recontro não se travou apenas entre duas teodicéias, mas entre duas tecnologias portadoras de instrumentos tragicamente desiguais. O resultado foi o massacre puro e simples, ou a degradação com que o vencedor pôde selar os cultos do vencido." (BOSI, A. 1991: p. 72).

Não creio ser necessário prosseguir muito mais, nesta minha tentativa de observar as conseqüências da "superioridade" européia, no confronto com o "outro", seja no movimento de sístole, seja no de diástole. O caso "Século XVI" fala por si só, e a História não foi feita para morrer nos compêndios. A Literatura, como representação da cena histórica, não é o lugar das respostas, mas é certamente um lugar bastante privilegiado para provocar interrogações, para fazer pensar. Um teatro tão perfeito, do ponto de vista catequético, não pode deixar de ser um convite expresso para uma visita a seus aquéns, vale dizer, ao seu ponto de enunciação, e à visão de mundo de seu autor.

Se a consciência da "europiedade", hoje, dificilmente levará a massacres como os sofridos pelos povos ameríndios, o mesmo não se pode dizer da degradação a que estão sujeitos os "extra-comunitários". Para referendar, tristemente, uma última ironia: a de a Europa se ter dado, num passado não muito longínquo, como "a civilizing corner of the world".

Se a consciência da "européidade", hoje, dificilmente levará a massacres como os sofridos pelos povos ameríndios, o mesmo não se pode dizer da degradação a que estão sujeitos os "extra-comunitários". Para referendar, tristemente, uma última ironia: a de a Europa se ter dado, num passado não muito longínquo, como "a civilizing corner of the world".

#### ABSTRACT:

A reading of some "autos" by Anchieta, having in mind the missionary dynamics: catechism, didactics, and concern with the public addressed. Intrinsic and extrinsic aspects. The Enunciative "locus" as the determining element of the "world-view" expressed through the characters.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CARDOSO, Armando, S.J. (org.) *Teatro de Anchieta*. São Paulo: Loiola, 1977.
- CARRIER, H. Inculturazione. In: LATOURELLE, R., FISICHAELLE, R. *Dizionario di Teologia fondamentale*. Assisi: Cittadella Editrice, 1990.
- CHARLAT, R. *La catéchèse aux premiers temps*. Paris: ISPC, 1968.
- COFELLE, G. Missione. In: *Dizionario di Teologia fondamentale*. op.cit.
- FABRIS, R. Vangelo. In: ROSSANO, P., RAVASSI, G., GIRLANDA, A. *Nuovo dizionario di Teologia biblica*. Milano: Editione Paoline, 1988.
- GONZALEZ-RUIZ, J. M. Missione e libertà di coscienza. In: *Perché le missioni?* Bologna: Editrice Nigrizia, 1970.
- LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: INL; Lisboa: Portugalía, 1938, v. 1.
- LOIOLA, Ignazio di. *Gli scritti*; A cura di GIOIA, M. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1977.
- LUBAC, H. de. *Le fondement théologique des missions*. Paris: Seuil, 1945.
- McCABE, W., S. J. *An introduction to the Jesuit theater*. St. Louis: The Institute of Jesuit Sources, 1983.
- MINDLIN, Dulce M. V. A catequese revisitada. In: ANAIS DO CONGRESSO AMÉRICA 92. São Paulo: USP, 1992. (prelo)
- \_\_\_\_\_. Ficção e catequese: a questão do choque cultural. In: CONGRESSO DA ABRALIC. 3. Anais. Niterói: ABRALIC, 1992 (prelo).
- \_\_\_\_\_. Ficção e catequese: um binômio perfeito. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. 5. Anais. Recife: ANPOLL, 1989.
- \_\_\_\_\_. Nóbrega e Anchieta: uma literatura 'emergente'. In: ENCONTRO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA. 13. Anais. Porto Alegre: ABRAPLIP, 1992 (prelo).
- TESTORE, C. Catechesi, Catechismo. In: *Enciclopedia cattolica*. Città del Vaticano: Ente per l'enciclopedia cattolica e per il libro cattolico, s.d., v. 3.